

Estudos da Língua(gem)

A linguagem em questão: *um recorte inter, multi e transdisciplinar*

Geologia da linguística e definição de máquina abstrata por Deleuze e Guattari

Geology of Linguistics and the meaning of abstract machine
by Deleuze and Guattari

Tatiana Marins Roque *

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ/Brasil)

RESUMO

O artigo explica o uso que Deleuze e Guattari fazem da linguística de Hjelmslev, em particular de sua noção de matéria. O objetivo é entender como esses autores ultrapassam a separação entre os planos de conteúdo e expressão propondo a noção de máquina abstrata, que mostra como a pressuposição recíproca dos planos explica a produção de sentido em um novo regime de signos.

PALAVRAS-CHAVE: Hjelmslev. Deleuze e Guattari. Plano de conteúdo e plano de expressão. Regimes de signos. Máquina abstrata.

ABSTRACT

The article explains the approach by Deleuze and Guattari on Hjelmslev's Linguistics, in particular his notion of matter. The aim is to understand how the authors go beyond the separation between the content and expression planes by proposing the notion of abstract machine, which demonstrates how the reciprocal presupposition of plains explains the production of meaning in a new regime of signs.

* Sobre a autora ver página 112-113.

KEYWORDS: *Hjelmslev. Deleuze and Guattari. Content plane and expression plane. Regime of signs. Abstract machine.*

1 Introdução

Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari (1980) discutem os regimes de signos e os modos de se conceber a relação entre significante e significado. Ao fazer isso, o objetivo é escapar, ao mesmo tempo, do esquema da representação e das categorias da linguagem, elaborando uma crítica aos estudos estruturalistas da linguagem que partem da separação entre significante e significado, expressão e conteúdo.

A obra de Louis Hjelmslev é fundamental para pensar, de modo mais complexo, a relação entre os planos de conteúdo e de expressão. A partir da linguística de Hjelmslev, Deleuze e Guattari (1980) propõe uma camada, um novo estrato no qual existe algo já formado semioticamente, mesmo que não esteja formado linguisticamente. Esse estrato se inspira em uma sugestão de Hjelmslev, a noção de matéria (ou sentido), que corresponde a uma nova camada para se compreender a produção de sentido. Hjelmslev se torna, assim, na designação carinhosa de Deleuze e Guattari, um geólogo da linguística (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 57-58).

Neste artigo, veremos como essa nova camada é definida, mas também como, em seguida, Deleuze e Guattari (1980) torcem a noção hjelmsleviana de matéria para designá-la como algo já formado do ponto de vista semiótico. Para esses autores, é fundamental postular a pressuposição recíproca dos planos de conteúdo e expressão, o que leva à introdução do conceito de *máquina abstrata*. Nosso objetivo será, então, retrazar o caminho que levou à definição dessa noção, explicando como isso é feito. Regimes de signos e regimes de corpos são pensados, pelos autores, como duas faces do agenciamento, antes que intervenha qualquer divisão entre os domínios da expressão e do conteúdo. Tentaremos compreender os problemas que levaram esses autores a propor as noções de máquina abstrata e de diagrama, a fim de tornar possível um regime de signos que não seja atrelado a qualquer mecanismo de representação.

2 A matéria de Hjelmslev e a postulação de um novo estrato

Louis Hjelmslev foi um dos poucos linguistas a pensar o problema da linguagem a partir de uma estratificação que não se reduz à divisão entre significante e significado, ou entre expressão e conteúdo, afirmam Deleuze e Guattari (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 58-59). Ele constrói uma estratificação bem mais complexa que o usual: matéria, conteúdo e expressão, forma e substância. Por isso, seria um geólogo, multiplicando as camadas geológicas da linguística. Vejamos porque essa multiplicação de camadas pode romper com a dualidade forma-conteúdo, porque produz uma diferença em relação à repartição entre significante e significado.

Em seu *Cours de linguistique générale*, Saussure ([1916] 1967) define o signo como combinação de um conceito e de uma imagem acústica, respectivamente o significado e o significante. O signo surge com a coexistência inseparável desses dois aspectos. A teoria saussuriana se dirige à posição tradicional da linguagem, segundo a qual um nome (uma palavra) serve para nomear as coisas. O significante agora não seria o som material, mas uma imagem acústica, uma forma percebida pelos sujeitos da comunicação, que só existe em suas mentes. O significado também está na mente dos sujeitos, trata-se de um conceito que não possui existência material. Assim, a representação deixa de ser de tipo “referencial”, como na posição tradicional da linguagem, pois o signo não mais se refere a algo fora dele. Um signo é definido, assim, tanto pela relação entre significante e significado, quanto pela sua relação com outros signos. Ele adquire um valor a partir de sua posição no sistema semiótico, e não por causa da semelhança que ele possa ter com uma coisa do mundo (extra-semiótico). Falamos daquilo que Saussure ([1916] 1967) chama o “arbitrário lingüístico”. Arbitrário não quer dizer, contudo, dependente da livre escolha do sujeito que fala, uma vez que a máquina semiótica possui uma natureza social. Mas, por outro lado, não há nenhuma razão intrínseca para que um significado seja dado por meio de um significante específico, para que uma coisa seja nomeada por certa palavra. Na verdade, são as comunidades linguísticas que dão forma ao mundo por meio de um processo de significação. Quer dizer, a distinção do mundo em coisas não está dada de antemão, ela é um efeito da ação linguística.

Hjelmslev (1971) propõe sua teoria como uma discussão com Saussure. Para ele, o sistema semiótico tem quatro partes: forma de conteúdo, substância de conteúdo, forma de expressão e substância de expressão. Acrescentam-se, portanto, complexificações ao par conteúdo/expressão (que seria correlato do par significado/significante). A substância de expressão é o contínuo sonoro

percebido pelos sujeitos falantes; a forma de expressão é produzida pela sua diferenciação em significantes através do sistema semiótico; a substância de conteúdo é o universo conceitual percebido por uma comunidade semiótica; e a forma de conteúdo é o produto de sua diferenciação em significados através do sistema semiótico. Assim, podemos dizer que Hjelmslev (1971) produz uma estratificação do signo. Multiplica as camadas, por isso um “geólogo”. E a camada mais importante ainda está por vir.

A relação entre a forma de conteúdo e a forma de expressão em Hjelmslev não pode ser vista apenas como correlata daquela saussuriana entre significado e significante. Para Hjelmslev (1971), os planos são intercambiáveis:

Les termes mêmes de plan d'expression et de plan de contenu ont été choisis d'après l'usage courant et sont tout à fait arbitraires. De par leur définition fonctionnelle il est impossible de soutenir qu'il soit légitime d'appeler l'une de ces grandeurs expression et l'autre contenu et non l'inverse: elles ne sont définies que comme solidaires l'une de l'autre, et ni l'une ni l'autre ne peut l'être plus précisément. Prises séparément, on ne peut les définir que par opposition et de façon relative, comme des fonctifs d'une même fonction qui s'opposent l'un à l'autre (HJELMSLEV, 1971, p. 85).

Hjelmslev concebe um sistema de signos como uma função com dois functivos: o plano de expressão e o plano de conteúdo. Os dois planos são entidades puramente formais e é sua ocorrência concreta que produz as substâncias. A forma de expressão e a forma de conteúdo resultam da organização de um contínuo em unidades pertinentes. A forma de expressão torna pertinente uma certa porção do contínuo (de sons, de timbres, de relações espaciais), construindo um sistema estruturado por oposições e do qual as substâncias são cada uma dessas ocorrências. Do mesmo modo, a forma de conteúdo estrutura certas porções do contínuo do exprimível (o mundo como experiência possível), construindo um sistema estruturado por oposições mútuas. O sistema de expressão é, por exemplo, o sistema fonológico; o sistema de conteúdos é, por exemplo, o sistema das cores. Mas se tratam de exemplos, de ocorrências, e não de necessidades.

É da mesma maneira que uma expressão se divide em unidades fônicas e que um conteúdo se divide em unidades físicas ou sociais (“vitelo” se divide em bovino-macho-jovem). Mas o plano de expressão e o plano de conteúdo são independentes e não há semelhança, nem de conformidade nem de

correspondência, entre os dois. Apesar disso, é ao mesmo tempo que os elementos de conteúdo dão contornos claros às misturas de corpos e os elementos de expressão dão um poder de sentença aos expressidos não corporais. Ambos operam reterritorializações sobre tais contornos. Essa é a natureza da ligação entre a forma de expressão e a forma de conteúdo.

Hjelmslev (1971) não concebe a substância como anterior à forma, e sim como sua consequência. Cada substância é produzida por uma forma. A substância, seja ela de expressão ou de conteúdo, é semioticamente formada. Mas nada autoriza a fazer com que a língua seja precedida de uma “substância de conteúdo” (pensamento) ou por uma “substância de expressão” (cadeia fônica), nem o inverso, seja numa ordem temporal ou numa ordem hierárquica. A expressão não é necessariamente sonora, nem o conteúdo é necessariamente conceitual. Esses dois níveis são definidos de modo puramente relacional.

De acordo com a interpretação de Deleuze e Guattari (1980), no sistema de Hjelmslev tudo funciona de outro modo, justamente porque a relação entre os planos é de caráter funcional. A relação entre forma de conteúdo e forma de expressão se dá por meio da função-signo. Em um determinado extrato, seja ele de expressão ou de conteúdo, há articulações por toda parte, o que Deleuze e Guattari (1980) chamam “pinças duplas”. A distinção entre os dois planos não é a aquela que havia entre formas (que seriam da ordem da expressão) e substâncias (que seriam da ordem do conteúdo). A expressão não tem menos substância que o conteúdo, bem como o conteúdo não tem menos forma que a expressão. Entre o plano de conteúdo e o plano de expressão há uma distinção real, mas os termos não preexistem à dupla articulação entre os planos. É a articulação que distribui os termos segundo seu traçado em cada estrato, constituindo sua distinção.

Quando analisa a estrutura de uma semiótica (sistema de signos), Hjelmslev parte do princípio que ela é feita de relações: não se deve postular os objetos como algo diferente dos termos de uma relação. Tal posição o aproximaria do estruturalismo linguístico que Deleuze e Guattari (1980) colocam em questão. No entanto, Hjelmslev não para por aí. Para ele, há também um contínuo, que ele chama de “matéria”. Trata-se de um novo extrato, referido pelo nome de “mening”, em dinamarquês, o que pode ser traduzido por “matéria” ou “sentido” (em inglês diz-se “purport”). Porções desse contínuo se articulam efetivamente sob os modos do conteúdo ou da expressão. Mas Hjelmslev (1971) pensa o contínuo como algo já dotado de sentido, esse é o traço original de seu pensamento, e o que mais interessa a Deleuze e Guattari (1980). Os signos falam dessa matéria e por meio dessa

matéria. Por um lado, Hjelmslev (1971) afirma que o sentido é uma “massa amorfa”, mas, por outro, diz que é também um princípio universal de formação – apesar do fato de não ser acessível ao conhecimento, de não ter existência anterior à sua formação. O sentido é um germe, como dirá Deleuze em seus cursos sobre o cinema (DELEUZE, 1981). Nesses cursos, Deleuze (1981) afirma que a proposição de um novo estrato, da matéria ou do sentido, é um dos traços mais originais da teoria de Hjelmslev.

Vimos que, diferente de Saussure ([1916] 1967), Hjelmslev (1971) não concebe a substância como anterior à forma, mas como sua consequência. Ele diz “projeta-se a forma” (a forma de expressão e a forma de conteúdo), projeta-se a forma sobre o sentido ou a matéria. E Hjelmslev acrescenta, projeta-se a forma de expressão e a forma de conteúdo sobre o sentido, quer dizer, sobre a matéria, como uma rede esticada projeta sua sombra sobre uma superfície sem interrupções. A matéria é uma superfície sem interrupções que deve ser distinguida da forma e da substância, já a substância é a matéria formada. Haverá, então, uma substância de conteúdo e uma substância de expressão, pois há duas formas: forma de conteúdo e forma de expressão. A forma de conteúdo e a forma de expressão informam a matéria para fazer dela substância de conteúdo e substância de expressão. Deleuze (1981) sublinha que aquilo que Hjelmslev designa como “matéria” (ou sentido) é uma matéria não linguisticamente formada, pois quando se torna linguisticamente formada, essa matéria vira substância de conteúdo e substância de expressão. O sentido é, assim, uma matéria não linguisticamente formada. Contudo, isso não o impede de ser perfeitamente formado de outros pontos de vista não linguísticos. Aqui está a novidade introduzida por Deleuze e Guattari, (1980) desviando da letra de Hjelmslev e aplicando o método peculiar de tratar a história da filosofia. Como diz Deleuze, fazendo um filho pelas costas em determinado autor, para produzir um monstro (DELEUZE, 2008, p.14).

Hjelmslev (1971) afirma que a linguagem possui um pressuposto específico. Isso não quer dizer que tenha um pressuposto psicológico, não quer dizer que exista algo que preceda a linguagem. Um pressuposto específico quer dizer uma matéria, uma matéria que não existe independentemente da linguagem, quer dizer, não é ideal, mas se distingue da linguagem. Esta matéria é tal que a linguagem não existiria se não visasse essa matéria não linguisticamente formada. A linguagem tem por correlato uma matéria não linguisticamente formada, mas formada de outro ponto de vista. Hjelmslev diz que essa matéria não é formada semioticamente, pois está identificando semiótica e linguística. Já Deleuze (1981) distingue semiótica e linguística e

enxerga a matéria de Hjelmslev como sendo não formada linguisticamente, mas formada de outro ponto de vista, que pode ser dito semiótico. Aqui, trata-se de uma semiótica que não pressupõe a língua nem a linguagem¹.

A definição saussuriana da linguagem como forma implica, segundo Deleuze e Guattari (1980), que a distinção entre sistemas semióticos distintos seja uma questão de forma, e não de substância. Com essa definição, os sistemas semióticos não são definidos levando em conta a matéria em que se manifestam, o que seria uma limitação. Há uma matéria a ser levada em consideração e essa matéria já é formada de algum modo, mesmo que não seja linguisticamente formada. E por que não deve ser linguisticamente formada? A língua, em uma civilização particular, organiza o contínuo em forma de campos, de sexos, de sistemas. Estabelece-se assim, ao mesmo tempo, segmentos de conteúdo que correspondem a entidades fisicamente reconhecíveis (mulher, casa, árvore); conceitos abstratos (bem e mal); ações (comer, correr); gêneros e espécies (animal, figura); ou direções e relações (em cima, antes, em direção a, se e então). Mas toda essa criação é o correlato de agenciamentos corporais. Logo, se quisermos compreender as articulações estabelecidas pelo fato de se nomear alguma coisa, não poderemos partir da linguagem. Elementos de conteúdo dão contornos nítidos à multiplicidade de corpos, ao mesmo tempo em que elementos de expressão dão um poder de sentença (enunciado) ou de julgamento aos incorporais exprimidos.

Sabemos o quanto Deleuze e Guattari (1980) se interessam por uma reversão da concepção de sujeito e o signo no regime saussuriano da representação é coerente com uma visão insuficiente do sujeito. O signo é o momento (sempre em crise) de um processo, é o instrumento por meio do qual o sujeito se constrói e se desconstrói ininterruptamente. Logo, a ciência dos signos diz como o sujeito se constitui, o problema semiótico da construção do conteúdo como significado é solidário do problema da percepção e da consciência como atribuição de significação à experiência. Por isso, é preciso quebrar o pressuposto da representação, da imagem como semelhança, para ultrapassar a trilogia Corpo-linguagem-imagem. Aqui se insere a máquina, como veremos a seguir.

¹ A noção de matéria sugerida por Hjelmslev permite sair do esquema hilemórfico, que separa matéria e forma, concebendo a primeira como um espaço homogêneo indiferenciado e indeterminado. A reversão dessa separação aproxima o problema da divisão dos planos de conteúdo e expressão do trabalho de Gilbert Simondon (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 457).

3 A articulação dos planos de conteúdo e expressão e o surgimento da noção de máquina abstrata

As formas de conteúdo e de expressão são relativas e estão sempre em estado de pressuposição recíproca (logo, não são equivalentes a significante e significado). Deleuze e Guattari afirmam que nunca há conformidade entre os dois planos, há sempre independência e distinção real (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 85). Para ajustar uma das formas à outra, é preciso um agenciamento específico. Eles dão o exemplo da análise da prisão feita por Foucault (p. 86). Na relação significante/significado, o significado é concebido como submetido ao significante: a coisa está em conformidade com a palavra que a exprime. Mas tomemos algo como a prisão, como analisada por Foucault. A prisão é uma forma, a forma-prisão. Trata-se de uma forma de conteúdo sobre um estrato no qual está em relação com outras formas de conteúdo: escola, hospital, fábrica etc. Essa forma de conteúdo, essa coisa, não remete, todavia, à palavra “prisão”, mas a palavras bem diferentes, como “delinquente, delinquência”, que exprimem, por sua vez, uma nova maneira de classificar, de traduzir e mesmo de cometer atos criminosos. Logo, qual a forma de expressão que está em pressuposição recíproca com a forma de conteúdo “prisão”? A resposta não está na palavra “prisão”, mas na palavra “delinquência”. Essa palavra, por sua vez, não é um significante cujo significado seria prisão. Há duas multiplicidades que se cruzam: uma discursiva, de expressão, e outra não discursiva, de conteúdo. Todas duas implicam, com outros conteúdos e outras expressões, um estado de máquina abstrata. Trata-se de uma mesma máquina abstrata para prisão, escola, hospital, caserna, fábrica. Para se ajustar os dois tipos de formas, é preciso um agenciamento concreto com uma pinça dupla, é preciso uma organização que articule as formações de potência e os regimes de signos.

O que acontece quando algo deixa de responder a seu nome? (Já perguntava Lewis Carroll). É preciso um agenciamento concreto para que uma coisa responda ao seu nome. Quando gritamos o nome de um filho é porque ele não responde mais a seu nome, e procuramos um agenciamento de corpos que possa recolocar a máquina em funcionamento, rearticular a coisa a seu nome.

O signo é, assim, uma função. É preciso que ele funcione para que seja alguma coisa. Logo, antes de pensar o signo em si mesmo, é preciso pensar o que faz com que ele funcione ou não. Sempre é preciso uma máquina abstrata para fazer com que o signo funcione, uma máquina abstrata que distribua os

agenciamentos concretos. Os planos de expressão e de conteúdo trabalham um dentro do outro. Os signos trabalham as coisas em si mesmas e essas coisas, por sua vez, se desdobram por meio de signos. Uma enunciação é um agenciamento. Não falamos “das” coisas, mas, quando falamos, quando uma expressão é criada, também se passa algo no plano das coisas.

Esse estado de pressuposição recíproca pode ser entendido como uma álgebra da língua. O uso da “álgebra” aqui serve para pensar a pressuposição recíproca dos planos e a ação de uma dentro do outro.

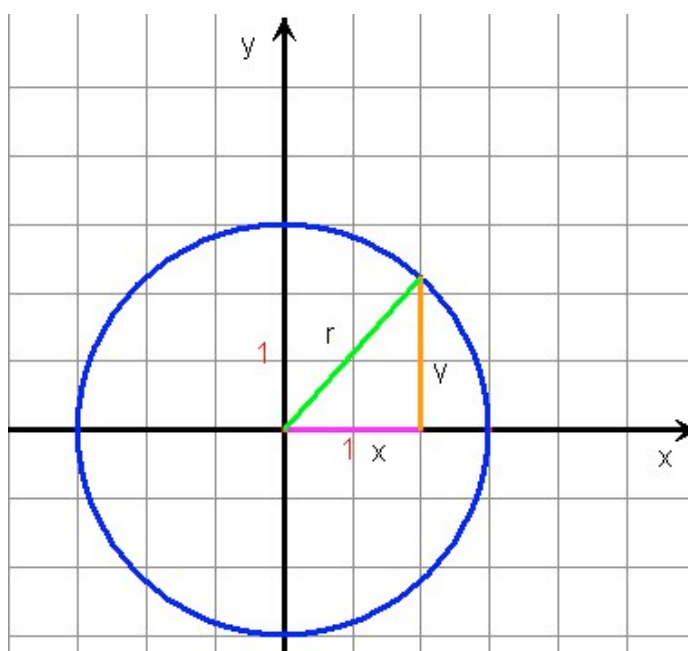
Il se constituerait ainsi, en réaction contre la linguistique traditionnelle, une linguistique dont la science de l'expression ne serait pas une phonétique et dont la science du contenu ne serait pas une sémantique. Une telle science serait alors une algèbre de la langue qui opérerait sur des grandeurs non dénommées (HJELMSLEV, 1971, p.101-102).

O estatuto da matemática nesse exemplo não é metafórico, como veremos no caso de um objeto como a equação. O que é uma equação? Trata-se de um caso particular de relação quantificável. A quantificação é dada pela equação. Mas a natureza específica dos signos não importa, só importa que se possa enunciar por signos matemáticos uma relação entre coisas que não são determinadas. Assim, a relação entre o signo matemático e aquilo que ele exprime não é aquela que existe entre significante e significado.

Na equação $x^2 + y^2 = 1$, por exemplo, a que remetem os signos x e y ? Respondemos, a nada de pré-determinado. É da natureza da álgebra que seja assim. Esses signos podem ser números ou grandezas geométricas, como segmentos de reta. Na equação, o signo x remete a algo que, mesmo não estando determinado, entra em relação com outra coisa indeterminada designada por y .

Suponhamos, assim, o agenciamento de enunciação dado por $x^2 + y^2 = 1$. O x pode ser visto como uma coisa que, na equação, entra em relação com y . Por que se trata de uma coisa? Porque x funciona como um corpo que age e padece (sofre uma ação), é uma partícula. Na equação, o x não é arbitrário, mesmo se é indeterminado. É uma coisa tal que seu quadrado, quando somado com o quadrado de y , dá 1. Desse ponto de vista, o x já é uma coisa. Mas x aponta também em direção à outra coisa: pode designar um número ou um segmento de reta.

Suponhamos que x e y sejam coordenadas no plano cartesiano. A equação, nesse caso, é a de uma forma geométrica. Cada ponto do plano é dado pelo par (x, y) . Quando escrevemos $x^2 + y^2 = 1$, podemos afirmar que esse ponto está a uma distância 1 da origem do sistema de coordenadas, que é o referencial do plano cartesiano. Assim, os pontos que satisfazem à equação são todos aqueles que se encontram a uma distância 1 da origem, e que constituem uma circunferência.



Tudo isso para explicar uma frase enigmática de Deleuze e Guattari: “Si bien qu’un même x , une même particule, fonctionnera comme corps qui agit et subit, ou bien comme signe qui fait acte” (DELEUZE ; GUATTARI, 1980, p. 110). Essa frase é importante, pois nos ajuda a entender porque esses autores falam de signo-partícula, algo que é ao mesmo tempo signo e partícula, que está no plano de expressão e de conteúdo. No exemplo da equação acima, as variáveis x e y enquanto tais estão em um plano de expressão, que é habitado por essas variáveis. Mas essas variáveis são também signos que agem, produzindo uma circunferência no plano de conteúdo das formas geométricas. Logo, não há um plano de conteúdo ou de expressão em si mesmos. Há um funcionamento do signo-partícula que os articula. Em cada um dos planos, há circunstâncias, ou variáveis, que podem ser situações de agregados de corpos

ou fatores internos à enunciação. O conteúdo e a expressão são como x e y , variáveis de um agenciamento.

O agenciamento em si mesmo não é nem de conteúdo nem de expressão, ele possui duas faces inseparáveis: sobre uma, produz uma enunciação, formaliza uma expressão; sobre outra, formaliza conteúdos, é agenciamento de corpos. S conteúdos não são significados, mas têm suas formalizações próprias, sem nenhuma relação de causalidade ou de conformidade com a forma de expressão. E vice-versa. “É preciso atingir, no agenciamento em si mesmo, alguma coisa que é ainda mais profunda que essas faces” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 175). Alguma coisa que dê conta de dois tipos de formas: formas de expressão (ou regime de signos) e formas de conteúdo (ou regime de corpos). É o que Deleuze e Guattari (1980) chamam uma *máquina abstrata*.

Uma máquina abstrata não distingue, por si mesma, um plano de expressão e um plano de conteúdo, ela traça um só plano de consistência que irá formalizar expressões e conteúdos segundo os estratos. O conteúdo e a expressão surgem assim com a estratificação, quando saímos da camada geológica do sentido.

A máquina abstrata não separa os estratos – de expressão e de conteúdo, semiótico e físico (corporal). Ela é diagramática, pois ignora a distinção entre conteúdo e expressão. A noção de diagrama se introduz aqui como um signo-partícula. Não é produto de uma relação conteúdo/expressão, o diagrama garante a conexão entre traços de conteúdo e traços de expressão. É operacional. A função diagramática intervém a partir de uma desestratificação.

São graus de intensidade, de resistência, de condutibilidade, de velocidade que têm um papel piloto na constituição de um real por vir. Ordenar, prometer, dar a palavra, elogiar, levar a sério, brincar, são atos diagramáticos que colocam a significação para funcionar (GUATTARI, 2012, p. 443). Em si mesmos, participam de uma semiótica a-significante.

A relação significante/significado não é arbitrária. É – de fato – uma manifestação particular do arbitrário do poder. Dimensões semióticas a-significantes subtendem cada discurso: esclarecem, desconstroem. Permeando a linguagem, há relações de força, agenciamentos maquínicos, que atuam diretamente no funcionamento de cada enunciado. Cada enunciado diz respeito a uma situação micropolítica específica que não conhecemos sem mergulhar na situação em que o enunciado se produz. A escolha das palavras não é arbitrária, isso já sabemos, mas nem seu significado. A diagramática é uma recusa de rebater a enunciação sobre os anunciados. A enunciação procede por

estratificações, se faz sobre planos variados que não se reduzem a substâncias linguísticas.

O próximo passo seria pensar a ação diagramática no capitalismo e nas lutas políticas atuais, mostrando porque é uma urgência política ultrapassar os mecanismos da representação e reverter a estratificação dos planos de expressão operada pela linguagem. Tentamos fazer isso em outro artigo (ROQUE, 2015), pois o objetivo aqui é preparar a questão pela compreensão dos postulados da linguística que serão colocados em questão por Deleuze e Guattari a fim de postular um novo regime de signos.

REFERENCIAS

- DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. **Mille Plateaux**. Paris: Éditions de Minuit, 1980.
- DELEUZE, G. 1981. Aula de 07/04/1981 disponível em http://www2.univ-paris8.fr/deleuze/article.php?id_article=216. Acesso em março de 2016.
- DELEUZE, G. **Foucault**. Paris: Éditions de Minuit, 1986.
- DELEUZE, G. **Conversações**. SP: Editora 34, 2008.
- GUATTARI, F. **La révolution moléculaire**. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2012.
- HJELMSLEV, L. **Prolegomènes à une théorie du langage**: la structure fondamentale du langage. Paris: Éditions de minuit, 1971.
- ROQUE, T. Sobre a noção de diagrama: matemática, semiótica e as lutas minoritárias. **Revista Trágica**, v. 8, n. 1, p. 84-104 , 2015.
- SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**, éd. critique établie par T. de Mauro, Paris: Payot, 1967. Edição original: 1916.
- SAUVAGNARGUES, A. **Deleuze. L'empirisme transcendantal**. Paris: PUF, 2009.

*Recebido em maio de 2016.
Aprovado em outubro de 2017.
Publicado em junho de 2017.*

SOBRE A AUTORA

Tatiana Marins Roque é doutora em História e Filosofia das Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) com doutorado sanduíche durante os anos de 1998 e 1999 na equipe REHSEIS - CNRS (Recherches Épistémologiques et Historiques

sur les Sciences Exactes et les Institutions Scientifiques); mestre em Matemática Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994). Atualmente é professora associada do Instituto de Matemática e da Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É membro dos Archives Poincaré (Histoire et Philosophie des Sciences)- Université de Nancy. Foi Jovem Cientista do Nosso Estado na Faperj e direttrice de programme no Collège International de Philosophie (Paris). Tem experiência nas áreas de História e Filosofia da Ciência e Filosofia Francesa Contemporânea. Seu livro "História da Matemática: uma visão crítica, desfazendo mitos e lendas" (Zahar, 2012) foi um dos vencedores do Prêmio Jabuti 2013.
E-mail: tati@im.ufrj.br